

Abandono, lixo e vandalismo no Jaraguá

Muitos problemas no parque onde duas pessoas morreram domingo: sujeira, placas arrancadas, poucos funcionários, falta de verba e indiferença à segurança

Em meio a 462 hectares de Mata Atlântica pode-se encontrar bichos como macacos, capivaras, tucanos e marrecos. Mas o Parque Estadual do Jaraguá, na zona oeste da cidade, onde duas pessoas morreram no domingo, tem a marca do abandono e do vandalismo: não falta lixo misturado ao mato, as placas sinalizando os caminhos vivem arrancadas e existem apenas oito seguranças para fiscalizar o local, freqüentado por aproximadamente quatro mil pessoas nos finais de semana.

Ao todo são 30 funcionários para cuidar do parque, onde há penhascos que chegam a ter 70 metros de altura. A altitude é de quase 1.100 metros. E lá do alto é possível ver parte da cidade e as centenas de ocupações irregulares que circundam o Jaraguá.

"É um lazer perigoso porque os visitantes não se preocupam com medidas mínimas de segurança. Além disso, muitos usuários são vândalos: arrancam placas e deixam pelo caminho lixo e pontas de cigarros, que queimam a mata", define o primeiro tenente do 2º Grupoamento de Bombeiros, Mauro Ramos dos Santos.

Segundo ele, pelo menos 30 metros antes do local onde morreram Milton Gomes de Toledo, de 53 anos, e o filho Gilberto, de 13 anos, deveria haver placa de sinalização. "Eles não poderiam ter chegado até aqui. A advertência tem de estar antes", afirma o bombeiro. "Se tivesse uma placa nós não teríamos ido até lá", garante o estudante Daniel Nascimento, de 19 anos, que estava com as vítimas na hora do acidente e tentou resgatá-los. "Foi uma cena absurda."

Bombeiros refizeram ontem o trecho onde pai e filho caíram. "Mesmo para quem tem experiência é um caminho muito difícil", diz o soldado Roberto de Lima, de 37 anos, que desceu com cordas até perto de onde estavam os corpos

Lixo e trilhas

De acordo com funcionários do parque, que preferem não se identificar, são arrancadas de 12 a 15 placas por final de semana, de um total de cerca de 40. Não faltam também armadilhas feitas pelos visitantes para capturar os animais que circulam pelo parque, muitas delas fatais.

Da entrada principal até o mirante, local com entorno de 150 mil metros quadrados e um dos pontos preferido pelos visitantes, são cinco quilômetros de estrada. "Só que as pessoas entram pela mata no meio desse trajeto e não temos controle sobre elas", afirma um funcionário. "Os visitantes criam trilhas alternativas em meio a mata."

O parque, onde há árvores frutíferas, azaléias e eucaliptos, entre outras espécies de plantas, é em muitos pontos transformado em depósito de lixo. Pelas trilhas é possível encontrar garrafas de bebidas, latas de cerveja e os mais diversos tipos de embalagens.

Nos mutirões de limpeza feitos em média a cada dois meses são retirados de 100 a 150 sacos de lixo com capacidade de 100 litros. "Nós esbarramos num problema de falta de conscientização dos usuários. O tempo todo temos de repor as placas", queixa-se Luis Alberto Bucci, diretor-geral do Instituto Florestal.

Além de conscientização, acrescenta ele, falta verba. O orçamento é de aproximadamente R\$8 mil ao mês. "São necessários em torno de R\$2 milhões de investimento", diz.

No parque há um albergue da juventude, que funciona desde 1991, com capacidade para 55 pessoas. A casa, que é histórica por ter abrigado o bandeirante Afonso Sardinha, vive lotada com turistas de todo o País e do mundo.

O parque é um dos mais antigos da cidade. Em 1560, Luis Martins e Brás Cubas mineraram o local onde havia uma ocupação indígena tupi-guarani. Em maio de 1961 foi criado o Parque Estadual do Jaraguá.

Marici Capitelli



PERIGO: bombeiros mostram o local onde pai e filho caíram no Parque do Jaraguá, onde sobram problemas e falta estrutura para as 4 mil pessoas que o visitam nos fins de semana



VIZINHA: cacique Jandira, de tribo guarani que vive em frente ao parque



EXEMPLO: coreanos sempre recolhem o lixo quando visitam o parque

'Nós não sabíamos que era tão perigoso'

A família de Milton de Toledo, que morreu com o filho, diz que não há no parque placas advertindo sobre o risco oferecido por alguns caminhos

Parentes e amigos das duas pessoas mortas no Parque Estadual do Jaraguá estavam indignados. Eles argumentam que se o local fosse sinalizado de maneira adequada, o gráfico aposentado Milton Gomes de Toledo e o filho, o estudante Gilberto, não teriam se arriscado. "Não existia qualquer placa que anunciasse que o local era perigoso. Meu tio não era irresponsável", argumenta a vendedora Izilda Fernandes dos Santos, de 24 anos, sobrinha de Milton, que integrava o grupo no momento do acidente. "Nós não sabíamos que existiam lugares tão perigosos", afirma o autônomo Valteir Soares Ribeiro, de 27 anos, primo de Gilberto.

De acordo com a mulher de Milton, a dona de casa Teresa Gomes Toledo, de 48 anos, todos os caminhos eram bem conhecidos pelo marido. Pelo menos uma vez por mês a família

Em frente ao parque, uma legítima tribo guarani

Crianças da aldeia estão entre os freqüentadores do parque. E grupo de coreanos dá lição de cidadania ao recolher lixo encontrado no local

Em frente ao Parque Estadual do Jaraguá vive uma tribo guarani. Suas crianças estão entre as freqüentadoras mais assíduas. "Nós sempre brincamos lá, porque dá para ver porco-espinho e macaco", diz André Augusto Vila Martin, de 11 anos.

Já para Herbert, de 5 anos, que não sabe o sobrenome, "o mais divertido é subir em árvores", como ele mesmo conta enquanto demonstra suas habilidades.

A cacique Jandira Augusto Venice, de 66 anos, que veio há 40 anos de Itanhaém, no litoral sul, diz que o parque é uma das poucas opções de lazer das mais de 40 crianças entre um e

14 anos que moram na tribo. "O parque faz parte da nossa história. Gosto dele, mas não sei se os brancos o respeitam", afirma a cacique.

A tribo, com 90 pessoas, mora em habitações precárias e não tem acesso a saneamento básico. A comunidade vive da venda de artesanato e palestras. Mas as famílias dizem que não chegam a ganhar um salário mínimo ao mês.

Respeito às placas

Embora não residam tão perto do parque como os índios, cinco amigos coreanos, moradores na Vila Monumento, zona sul, também freqüentam o local. Eles vão ao parque todos os domingos e segundas-feiras.

Percorrem trilhas, colhem plantas medicinais e fazem piquenique. Ao final do passeio, dão uma lição de cidadania: recolhem não só o lixo que produziram como também o que encontraram pelo caminho.

"As pessoas deixam tudo muito sujo. Não dá para entender isso. Nós freqüentamos o parque para poder respirar um pouco de ar puro", diz a aposentada Sofia Lee, de 62 anos, que nasceu em Seul.

O companheiro de passeio Hong Mani Shae, de 67 anos, tem a mesma opinião. "Nós fazemos questão de limpar toda a sujeira que encontramos pela

frente. Não faz sentido agredir a natureza".

Na avaliação do grupo, que freqüenta a Igreja Católica Coreana no Ipiranga, o parque não é perigoso e as trilhas são bem sinalizadas. "O problema é que as pessoas não respeitam as placas", completa Benedito Shong, de 67.

O aposentado Lorival Santana, de 57 anos, corre no parque pelo menos três vezes por semana. Fica em média quatro horas no local.

"Isso é um paraíso. Já deparei com quatis e macacos", afirma ele, que mora em Osasco, na Grande São Paulo. Para Santana, não falta segurança. "O que me parece é que as pessoas desconhecem o local e se aventuram", diz.

Os bombeiros e o Comando de Operações Especiais da Polícia Militar (COE) alertam que, como medida de segurança, quem pretende ir ao parque deve sempre fazer um reconhecimento do local antes de entrar nas trilhas.

Uma das recomendações principais é evitar o uso de bebida alcoólica e levar sempre um kit de primeiros socorros. O parque dispõe de nove monitores que levam os grupos para passear. As visitas podem ser agendadas previamente.

(M.C.)

"O trajeto tinha sido muito tranquilo. De repente, o Milton caiu e o Gilberto tentou ajudá-lo", lembra o estudante Daniel Nascimento, de 19 anos.

Milton Sebastião Gomes Toledo Filho, de 30 anos, filho mais velho do aposentado, mora em Ribeirão Preto, no interior do Estado, e ficou sabendo da tragédia pela televisão. "Não acreditava que estivessem falando da minha família", diz. Os corpos foram enterrados no final da tarde de ontem no cemitério da Vila Nova Cachoeirinha, zonanorte da cidade.

Cinco trilhas

O parque tem cinco trilhas. Quatro delas têm nome. A maior de todas, a do Pai Zé, tem 2,5 mil metros. Seu percurso, considerado difícil, pode ser feito em uma hora. A trilha da Bica com 1,5 mil metros, tem grau médio de dificuldade e o tempo para percorrê-la é de aproximadamente 55 minutos.

A terceira em extensão é a trilha do Caminho do Silêncio, com 828 metros e percurso considerado fácil. A das Pedras tem 600 metros. É considerada de alta dificuldade, já que tem um denível de 400 metros. A quinta trilha, ainda sem nome, tem 600 metros.

Na Capital existem 31 parques municipais. Cinqüenta deles estão sob a administração do Estado.

(M.C.)



SUJEIRA: a cada mutirão são retirados 150 sacos de lixo